



O jornal de estudantes
de medicina da USP



São Paulo, Setembro de 2006 · Ano LXXVI · Edição nº 05

Saúde e Educação: direitos comercializados



Leia editorial e textos que tratam de novas e antigas investidas que refletem a mercantilização desses direitos. ● págs. 2, 10 e 11



Calouros 94, por eles mesmos

Depois de seis meses na FMUSP, convidamos calouros a tentar traduzir o que sentem os mais novos integrantes da Casa.

● págs. 5 e 6

USP tenta abrir suas portas

Desde que o último dos alunos desta Casa prestou vestibular, muito mudou: A USP tenta democratizar a entrada na Universidade com as chamadas "medidas afirmativas".

● págs. 6 e 7

O CAOC e a Extensão Universitária

Todos já ouvimos falar do tripé ensino, pesquisa e extensão onde a Universidade se apóia. Pensando na névoa que paira sobre o conceito de Extensão e querendo ampliá-lo, o CAOC gerou um projeto que logo estará aberto a todos os alunos.

● pág. 13

EDITORIAL

Organizações Sociais e a Terceirização dos Serviços de Saúde em São Paulo

Em Janeiro desse ano, a Câmara Municipal de São Paulo aprovou uma lei que regulamenta a contratação pela Prefeitura das chamadas Organizações Sociais (OSs). Essas instituições são definidas como pessoas jurídicas, de direito privado, sem fins lucrativos. O projeto de lei inicial, encaminhado à Câmara pelo então prefeito José Serra, previa a regulamentação dessas parcerias do Município com a iniciativa privada nos mais diversos setores, como educação, esportes e cultura. No entanto, apenas o estabelecimento de contratos de gestão para a área de saúde foi aprovado. Nos últimos meses a Prefeitura tem buscado implementar essas parcerias em toda a cidade.

Com a justificativa de diminuir o peso do Estado, levando em conta sua suposta ineficiência com relação à gestão privada, bem como a onipresente corrupção no sistema, a prefeitura contraria os princípios e as diretrizes constitucionais do Sistema Único de Saúde (SUS). Não há evidências sólidas para se afirmar que o modelo de gestão privada melhora a prestação de serviços de natureza eminentemente pública. Há, sim, possibilidades de que esse modelo deteriore o serviço. Não está previsto por essa lei, por exemplo, que as OSs seriam obrigadas a prestar atendimento indistinto. Por seguirem a lógica de mercado, teme-se que adotem critérios de escolha de pacientes, contrariando o princípio da Universalidade do SUS. Problemas correlatos já são enfrentados por quem procura alguns dos 23 hospitais e ambulatórios cedidos a OSs pelo governo do estado a partir de 1998. Segundo dados do Sead, diminuiu o

número de leitos do SUS mantidos pelo Estado de São Paulo de 1998 a 2003.

O Ministério Público de São Paulo afirma que a lei é uma forma de burlar concursos e licitações, facilitando a corrupção. Além disso, as organizações sociais são contratadas diretamente pelo prefeito, sem necessidade de aprovação pelo legislativo ou pelo conselho municipal de saúde. É no mínimo leviana uma lei que não estabelece mecanismos claros para a destinação de verba pública para uma organização privada, centrando a decisão no prefeito. Além disso, o texto ignora o mecanismo municipal de controle social, bem como os mecanismos locais, representados pelo conselho municipal e conselhos gestores das Unidades Básicas de Saúde (UBS). Vale lembrar que o controle social também é princípio do SUS.

As relações de trabalho nas UBS serão prejudicadas pela lei. As contratações de funcionários pelas OSs se dará pelo regime CLT, diferentemente do funcionalismo público atual. Haverá, portanto, disparidade de salários e perda parcial da relação dos funcionários com a gestão do serviço, dificultando as pressões por melhores condições de trabalho e atendimento a população. A lei das OSs no município de São Paulo propõe-se a resolver os problemas de gestão do serviço público de saúde, mas produz, nessa tentativa, mais dificuldades para a implantação plena do SUS. O caminho para a garantia do direito universal à Saúde é árduo, e não pode se resumir a fórmulas fáceis *a priori*, por isso mesmo prejudiciais, como essa tentativa de privatização. ■

JORNAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DA USP

Departamento de Imprensa Acadêmica
Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

CONSELHO EDITORIAL

• Alan Saito Ramalho • Arthur Hirschfeld Danila • Camila Satie Tomikawa • Claudinei Eduardo Biazoli Júnior • Felipe Gonçalves Corneau • José Benedito Ramos Valladão Júnior • Marcela Santana Devido • Rafael Freitas Colaço • Rodrigo Garcia D'Aurea • Simone Rocha Figueredo •

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

R1 Comunicação. Tel: (11)3654.2306

TIRAGEM

5.000 exemplares

IMPRESSÃO

Gráfica e Editora Ponto a Ponto - Tel: (11) 3681.0933

Este jornal não se responsabiliza pelos textos assinados.

Textos, dúvidas e críticas devem ser enviados para obisturi@caoc.org.br

CRÔNICA



Quarta-feira

Stefânia Lombardo (93)

7:30. O mesmo tédio, a mesma pressa de todos os dias e a cotidiana estase num cruzamento entupido do bairro. A esperança é de que em cinco minutos haverá a avenida, larga e fluida e, de certa forma, consoladora. Cinco minutos...

Quando a espera é estéril há sempre uma janela. À esquerda uma praça, uma matilha de vira-latas e um ponto de ônibus. Uma mulher de meia-idade, cabelos tingidos de amarelo, uma sacola de supermercado numa mão e uma carteira na outra caminha com uma ligeira pressa para o mercado logo em frente. Ao sair do campo de visão, ela desaparece da mesma forma que surgiu: anônima. Um leve sacolejo do ônibus desvia a atenção para o antitráfego. Um suspiro, um murmúrio indignado e logo o ônibus se sedimenta, cria raízes no asfalto.

Um berro. "Pega!...Ladrão!" A roliça anônima reaparece correndo e tropeçando atrás de um ladrão que parecia imaginário. Dentro do ônibus algumas risadinhas, cochichos maldosos sobre o tipo físico da mulher que estava fazendo exercícios compulsórios e comentários indignados sobre a falta de policiamento nas ruas. Em pouco tempo, surge um homem idoso e obeso correndo com uma carteira de mulher na mão, as roupas cheias de graxa e a insistência em olhar para trás. Havia dado uma volta fenomenal no mercado aparecendo do outro lado do ônibus. Cansada, a mulher passa a gritar: "Os documentos! Devolve os documentos" e senta derrotada num muro baixo de um posto de gasolina.

O velho desacelera visivelmente dispréico mas ninguém se atreve a pará-lo, desconfia-se de uma arma qualquer ou de uma força descomunal. O ônibus arranca e a tão esperada avenida dá prosseguimento ao dia.

20:40. Um casal de namorados chega ao ponto de ônibus discutindo

acaloradamente um filme que acabaram de assistir. Ao lado, um rapaz com uma camiseta de um time de futebol paulista faz a abordagem:

Ô amigo, dá um dinheiro pra mim pegar o ônibus!

O namorado, tão entretido com a conversa diz uma coisa qualquer e ignora o sujeito.

Eu não vou por a mão no seu bolso. Você pega o dinheiro e me dá agora!

- Calma aí! Eu não tenho nada, meu!

O rapaz faz uma careta e chama um amigo imaginário, crente que estaria constrangendo o casal.

O namorado abre a carteira e mostra um real tentando esconder os vinte. O "ladrão" percebe e diz:

Me dá esse dinheiro!

Não!

Por que não?

Porque não!

Visivelmente nervoso, o rapaz tenta ser mais agressivo, mostra os dentes enquanto fala:

- Eu não quero ter que levar vocês pra outro lugar...

A moça entra em desespero, o que assusta o aprendiz de assaltante. E se alguém daquele repleto ponto de ônibus resolvesse se manifestar em favor do casal?

- Me dá um real mesmo!

O namorado dá a nota meio contrariado e a moça ainda completa com cinquenta centavos. O rapaz, já apaziguado pergunta:

Que ônibus você pega?

Parque Edu Chaves. Inventa o namorado.

Não serve pra mim...

Sem dizer mais nada ele vai embora meio assustado meio insatisfeito. Uma semana depois, lá estava ele de novo...Com a camiseta da bateria de uma faculdade de engenharia... ■

Stefânia Lombardo é acadêmica da FMUSP

GESTÃO CAOC-2006

Carta dos Editores

Depois de alguns meses sem sair, aqui está **O Bisturi** de volta! Aos calouros que ainda não o conheciam, este é o jornal dos estudantes da Faculdade de Medicina da USP, editado pelo CAOC.

Nessas últimas semanas, chamaram atenção duas manifestações de descontentamento com o centro acadêmico: um abaixo assinado, que pretendia convocar uma assembleia geral para destituir a atual gestão, e o jornal "Bisturi Elétrico". Vemos com muito bons olhos a existência de ambos, que para nós é sinal de uma preocupação de muitos estudantes tanto com a entidade que os representa como com a necessidade dos indivíduos de se manifestar.

O abaixo assinado suscitou diversas discussões nos corredores, na reunião geral do CAOC do dia 24/08, e culminou com a convocação de uma assembleia geral, marcada para o dia 30/08 (primeira chamada) e

31/08 (segunda chamada). A assembleia acabou por não acontecer por falta de quorum, já que seria necessário, na segunda chamada, um sexto dos alunos matriculados para que ela tivesse poder deliberativo (de acordo com o Estatuto do CAOC e até com o Código Civil). Ainda assim, as pessoas que compareceram puderam conversar, fazer cobranças, críticas, sugestões, e a gestão pôde dar explicações sobre diversas decisões tomadas ao longo desse ano, refletir e, por fim, fazer uma autocrítica. Um dos resultados dessa autocrítica foi a percepção de que a comunicação foi uma das grandes lacunas da gestão, e a volta d'O Bisturi vem ajudar a preenchê-la.

Com relação ao "Bisturi Elétrico" comemoramos seu surgimento e a gestão do CAOC refletiu sobre suas críticas. É ótimo que as pessoas se manifestem; a existência de mais veículos de

comunicação fortalece a liberdade de expressão e propicia debates mais democráticos.

No entanto, há uma crítica muito importante a ser feita: o fato do jornal não estar assinado, de não se saber quem são seus editores. Que "O Carramão" não revele seus editores nos parece compreensível, já que é um jornal que pretende entreter e que se quer satírico. No entanto, um jornal que pretende fazer "a verdadeira representação dos estudantes" não pode ter muita credibilidade se não se sabe de onde fala. Como se chama pessoas a mandarem textos, se nada - nem ninguém - garante que eles serão publicados? Além disso, a seriedade de qualquer debate pressupõe o conhecimento de quem é o interlocutor e que este assumas suas posições, ou acaba por se tornar uma troca de ofensas e acusações - levianas, já que não há nenhum

responsável por elas - e não de idéias.

Um outro ponto que nos causou muito estranhamento foi o uso do "mailing" da faculdade pro envio do "Bisturi Elétrico". Caracterizando spams, em e-mails em cujo remetente se lia "Graduação", por duas vezes usou-se o nosso cadastro de alunos da USP, que inclui o endereço eletrônico, para o envio de um jornal e suas declarações que, situação ainda mais delicada, não são assinadas. Acreditamos que para esse tipo de comunicação existem os grupos de e-mail das turmas, em que cada um pode decidir se quer ou não receber arquivos anexados, de quem, e com que frequência como fazem o CAOC, a Bandeira Científica, o DC, a Atlética etc.

Reafirmando-nos abertos ao diálogo e esperando que essas críticas possam ser compreendidas como uma busca por transparência,
Os editores.

INTERCÂMBIO

Intercâmbio: como funciona?

Milena Cristina Vita (92)

O intercâmbio pode ser uma ótima experiência durante a graduação: viajar para outros estados ou países, conhecer outros estudantes de medicina e outros sistemas de saúde, aprender outros idiomas. De 2003 a 2005 recebemos mais de 20 estudantes e mandamos, para as diferentes modalidades de intercâmbio, mais de 30. Só neste ano, com a reestruturação do Departamento no CAOC, recebemos 12 estudantes e mandamos 2 em vagas remanescentes. Até março de 2007 receberemos mais 10 e mandaremos 1, também em vaga remanescente.

A organização de todos esses intercâmbios se dá pela IFMSA (International Federation of Medical Students' Associations). Fundada em 1951, ela conta hoje com a participação de mais de 80 países em todo o mundo. Nós da FMUSP fazemos parte dela através da CEV (Coordenação de Estágios de Vivência) da DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina). São parte dos programas de intercâmbio da DENEM os estágios nacionais, os internacionais e o Núcleo Brasil-Cuba (NBC).

Antigamente nossa faculdade não recebia estudantes no estágio nacional (EN) - só por mocó mesmo -, mas mesmo assim nossos alunos podem fazer estágios em outras faculdades. Neste ano dois novos estágios nacionais estão se estruturando para receber colegas brasileiros.

O NBC seleciona através de uma prova em média 15 estudantes brasileiros e 2 cubanos. Os brasileiros passam 15 dias em Cuba vivendo como um aluno de lá, e têm a oportunidade de entrar em contato com o Sistema de Saúde Cubano, enquanto eles vêm pra cá pra "vivenciar" o SUS. Depois, os dois grupos se juntam e discutem sobre os dois sistemas.

Quanto aos estágios internacionais, existem 4 tipos:

- **SCOPE**: é um intercâmbio de prática médica, no qual o aluno passa um mês em outro país, faz estágio no hospital na especialidade que escolher, e tem contato direto com o sistema de saúde do local.

- **SCORE**: como o SCOPE, dura um mês, porém é basicamente um estágio de pesquisa científica, e o aluno escolhe o país e o projeto de pesquisa que deseja acompanhar.



- **SCOPH**: envolve saúde pública, e nenhum estudante da FMUSP fez esse estágio em outro país e os estudantes que vêm pra FMUSP passam um mês na MI e um mês em Santarém - PA.

SCORA: programa sobre reprodução humana incluindo AIDS foi especialmente criado para a troca de informações entre os diversos países, ainda está sendo estruturado.

MAS O QUE FAZER PARA IR VIAJAR?

Exceto no NBC e no SCORA, para viajar é necessário juntar pontos. Tudo o que se faz na faculdade vale pontos: liga, EMA, cursos, MedEnsina, ser DM, iniciação científica, competir, Bandeira, fazer parte de diretorias... e até estar matriculado! Mas de longe o que mais vale pontos é ser anfitrião ou padrinho / madrinha de intercambistas. Se você deseja ser anfitrião e/ou padrinho, passe no CAOC e preencha a ficha de cadastro.

Todos os pontos precisam ser certificados. Depois de juntá-los, o aluno escolhe o estágio, país e especialidades (ou projetos, no SCORE) e é feita então uma seleção nacional por ordem decrescente de pontuação pela DENEM.

QUAIS SÃO OS GASTOS DA VIAGEM?

Em todos os programas o estudante recebe pelo menos duas refeições diárias e estadia grátis, pagando apenas a passagem e uma taxa usada para manutenção dos estágios (€160,00), além de dinheiro para eventuais passeios.

As inscrições para o SCOPE do próximo ano já acabaram, mas as do SCORE estão abertas!! Mande e-mail para scopeusp@gmail.com ou procure Milena Vita(92) ou Lucas(92) e tire suas dúvidas!! E fique atento ao mural ao lado do piano, onde sempre colocamos novidades. ■

Milena Cristina Vita é membro da gestão do CAOC-2006 e diretora da Bandeira Científica

MOVIMENTO ESTUDANTIL

O Movimento Estudantil

Como se organizam os estudantes

Ciro Matsui Júnior (92)

Quando ouvimos falar de movimento estudantil logo nos lembramos das décadas de 60 e 70, período de maior repressão do regime militar. Estranhamos quando as palavras "movimento estudantil" estão associadas ao ano de 2006. Por mais estranho que pareça, o movimento estudantil se organiza ainda hoje.

Antes de entender como se organiza o movimento estudantil atualmente, é preciso esclarecer alguns pontos. Cada indivíduo de uma sociedade pode promover mudanças na sua realidade por meio de suas ações, o que o torna um agente histórico. Quando se organizam, esses indivíduos têm maior possibilidade de intervir na realidade e realizar transformações.

Entendendo os motivos que levam à organização e levando em conta que a realidade dos estudantes é peculiar em relação a outros setores da sociedade, dada sua importância social como futuros profissionais e como um dos agentes da produção do conhecimento, nos parece mais lógica a existência de movimento estudantil organizado ainda hoje.

Diferentemente do movimento estudantil das décadas de 60 e 70, que vivia sob a forte repressão do Estado, o movimento estudantil de hoje vive em um Brasil democrático, de uma democracia representativa que é bastante limitada e se expressa quase exclusivamente durante as eleições, mas que em muito se difere de um regime autoritário. Ainda assim, os principais temas debatidos continuam

sendo os modelos de educação e de saúde, discutidos sob outra perspectiva, mas que refletem uma discussão de um modelo de sociedade.

O movimento estudantil se organiza por meio de entidades que tem como principais finalidades organizar espaços de discussão e executar as deliberações tomadas nesses espaços. Essas entidades geralmente possuem uma diretoria

ou uma gestão e tem diferentes níveis de representação, sendo que a ordem é: Centro Acadêmico (CA), Diretório Central dos Estudantes (DCE), União Estadual dos Estudantes (UEE) e União Nacional dos Estudantes (UNE), considerando-se da entidade com menor número de representados para com o maior número.

Os Centros Acadêmicos (também

Cada indivíduo de uma sociedade pode promover mudanças na sua realidade por meio de suas ações, o que o torna um agente histórico. Quando se organizam, esses indivíduos têm maior possibilidade de intervir na realidade e realizar transformações.

Atual gestão da DENEM



denominados Diretórios Acadêmicos em alguns locais) são as entidades que representam estudantes de um determinado curso ou de uma faculdade, sendo também chamados de entidades de base por terem contato direto com os estudantes. Já os DCEs representam os estudantes de uma determinada universidade, assim como as UEEs representam estudantes de um estado e a UNE, do Brasil.

No caso do estudante da FMUSP, ele é representado pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, CAOC; pelo DCE-Livre da USP "Alexandre Vannucchi Leme"; pela UEE São Paulo e pela UNE. Além dessas instâncias de representação, os estudantes de medicina do Brasil são

representados pela Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina - DENEM.

Em todas essas entidades a participação é aberta a todos os estudantes. É importante frisar que o

...o movimento estudantil não é algo homogêneo, muito pelo contrário, é o principal espaço para se debater diferentes idéias e concepções sobre os mais diferentes temas, espaço onde se privilegia a participação direta à democracia representativa.

movimento estudantil não é algo homogêneo, muito pelo contrário, é o principal espaço para se debater diferentes idéias e concepções sobre os mais diferentes temas, espaço onde se privilegia a participação direta à democracia representativa.■

Ciro Matsui Júnior é membro da gestão do CAOC-2006 e

Cordenador da Regional Sul-2 da DENEM

Preparando o COBREM (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina)

Demian de Oliveira e Alves (93)

Muitos não sabem, mas além dos Malunos de medicina dessa casa terem como entidade representativa o CAOC, somos representados em âmbito nacional pela DENEM - Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina. A DENEM é a entidade que congrega as Coordenações Locais (CL's) - que são os centros e diretórios acadêmicos das escolas médicas (públicas e privadas) do País.

A DENEM é organizada em três esferas (local, regional e nacional), que mantêm uma relação de horizontalidade entre si. As Coordenações Regionais são organizadas a partir de suas diferentes realidades, a regional que nos engloba é a Sul 2, composta pelas CL's dos

estados de São Paulo e Paraná. Também existem as Coordenações de Área (CENEPES - Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde), que têm como função aprofundar temas e atuar em espaços específicos.

Durante o ano há vários encontros e reuniões (nacionais e regionais) de Centros Acadêmicos e de estudantes de medicina, nos quais os estudantes de diferentes faculdades (em âmbito regional ou nacional) se encontram para trabalhar diversos temas pertinentes a nossa formação, à realidade do estudante universitário, ao futuro profissional da área da saúde e à nossa sociedade como um todo.

O primeiro encontro do ano é o COBREM (Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina). O COBREM foi criado com o intuito de garantir a

elaboração coletiva do movimento estudantil de medicina. Além das atividades usuais, durante o COBREM, é feito o planejamento anual da DENEM e cada estudante contribui com sua experiência para estabelecer as principais diretrizes que serão adotadas pela Direção Executiva.

O COBREM 2007 já tem sede eleita e será (aliás, já está sendo) organizado pelo CAOC, CAPB (Centro Acadêmico Pereira Barretto - Unifesp EPM) e estudantes de outras faculdades da Grande São Paulo como UNISA, Santa Casa e Faculdade de Medicina do ABC contando com o apoio de outros CA's do estado. Durante o COBREM em todos os momentos, estudantes de medicina de todo o Brasil estarão juntos, seja discutindo sua formação, decidindo o rumo da

entidade, trabalhando novas propostas para a saúde no Brasil ou conversando nos corredores, quartos e curtindo nas festas.

Para que isso tudo se concretize, vários estudantes de medicina já estão se mobilizando e trabalhando. Frequentemente nos reunimos e todos estão mais que convidados a vir conversar, a participar, seja para conhecer, por curiosidade, ou caso já tenham se interessado. Quanto mais pessoas se envolverem, desde a organização até o evento em si, melhores serão as discussões, as idéias e as soluções para que possamos realizar um ótimo encontro.■

Demian de Oliveira e Alves é membro da gestão do CAOC-2006 e da CoCOBREM-2007

CALOUROS

Como os calouros da 94 não conheciam O Bisturi, convidamos alguns deles para participar do jornal. Os dois textos que recebemos seguem nas próximas páginas, integralmente reproduzidos.

Vale lembrar que o jornal não se responsabiliza pelos textos assinados e pretende sempre estimular o debate entre posições discordantes que convivem na nossa Casa.

Aventuras de um porco 94

Alan Saito Ramalho (94) e
Arthur Hirschfeld Danila (94)

Era uma vez um porco perdido na selvagem floresta. Esse porco sonhava em ser um grande médico. Achava que o melhor lugar do mundo para realizar seu sonho era um chiqueiro conhecido como *Pinheiros*. O problema é que todos os seres da floresta: cobras, ursos, leões, e até índios, também almejavam fazer parte da porcada.

Foi então que percebeu ser um porco muito inteligente, e resolveu participar do exame de ingresso para o famoso chiqueiro. Por ser o maior e, talvez, o melhor chiqueiro do Brasil e do Universo, muitos também desejavam entrar para aquele paraíso. O jovem porco, durante os vários anos de estudo, perguntava-se se os outros porcos daquele chiqueiro seriam realmente legais, ou se seriam apenas um bando de porcos nerds, pois sempre que mencionava seu desejo de entrar para a porcada, todos os outros animais da floresta diziam que ele era nerd, pois iria prestar o exame mais difícil e somente os melhores entrariam.

Não abatido pelos comentários dos outros, esforçando-se ao máximo durante vários anos, acabou realizando seu maior sonho: ser filho daquela famosíssima família, cujo pai era, nada mais, nada menos que Arnaldo.

No dia da matrícula, antes de ir para o chiqueiro, uma ponta de medo tomou-lhe a mente: temia que a recepção não fosse como sonhara, que os porcos veteranos o humilhassem com trotes pesados, que os outros

porcos calouros fossem, de fato, nerds, e que não se adaptasse à nova fase de sua vida. Refletindo bastante acerca do assunto, resolveu efetivar a matrícula de uma vez por todas, afinal, não tinha nada a perder, somente a ganhar... era seu sonho!

Ao chegar ao chiqueiro, foi muito bem recebido. Ganhou diversos brindes, outros comprou, a ele foi designada uma madrinha muito simpática, que mostrou todos os lugares mais interessantes do chiqueiro. Desceu à Associação Atlética Acadêmica Oswaldo Cruz, a AAAOC, afinal, naquele chiqueiro não se podia ficar sem fazer esportes. Então se surpreendeu, pois viu vários outros colegas da porcada sorrindo, bebendo e conhecendo-se. Rapidamente percebeu que os outros porcos vinham de diferentes florestas, ficou muito curioso, feliz e logo quis fazer parte de tudo isso. O porco teve, então, uma Semana de Recepção de fazer inveja em qualquer outro animal da floresta. Foram muitas festas, churrascos, canecadas, forrós, tudo isso feito para melhor recepcionar os novos membros daquela família!

Mas não foi somente da primeira semana que o porco gostou. Ele participou da CALOMED, em que para ganhar, deveria dar toda sua raça, mostrando ser da porcada. Enquanto os ursos, não adaptados ao clima tropical, caíram diante do sol escaldante, e os leões, achando-se superiores, por se denominarem reis da floresta, não quiseram sujar-se na lama, a porcada detonou os outros seres da floresta, e, para comemorar, deu uma festa muito

especial com todos seus amigos porcos: a Carecas no Bosque. Alguns porcos também aproveitaram o CAOC Idol para revelar suas habilidades musicais enquanto outro foram ao EREM, o Encontro Regional dos Estudantes de Medicina, discutir controle social.

Além da calorosa recepção, dos esportes, das festas e dos encontros, o porco novato encontrou outras fantásticas oportunidades no chiqueiro: EMA, projeto no qual poderia ajudar os outros animais da floresta; MedEnsina, em que faria sua colaboração social, ajudando estudantes que tanto desejam ingressar nas faculdades; Show Medicina, uma chance de revelar seus dotes artísticos como integrante do chiqueiro. Ele podia, além de tudo isso, entrar para o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, o CAOC, ou participar dos incontáveis cursos e ligas do Departamento Científico (DC).

"Estou adorando a faculdade!" é como resume a porquinha Bruna Berbel. Com o mesmo entusiasmo, a porquinha Anna Cláudia Alves revela amar a faculdade e os amigos, só não gosta da correria, porque muitos dos treinos da Atlética são no horário de almoço. "Mais do que simplesmente uma faculdade - relata o porco Renato Germano - fazemos parte de uma família! Gosto das aulas, mas o que realmente adoro é o clima da faculdade, os amigos que fiz nesses meses!"

O calouro Armando Aguiar revela que todas suas suspeitas a respeito da faculdade foram desfeitas: pensava que todos os alunos seriam "bitolados", que os professores não seriam nada acessíveis e que, por ser uma faculdade pública, seria mal cuidada, suja, desgastada. "Mas as festas, os sociais, e toda a diversão paralela às aulas, os professores tão acessíveis, e a alta tecnologia dentro das salas de aula e



"Estou adorando a faculdade!", diz caloura dao turma 94

laboratórios me fizeram mudar completamente de idéia!"

Porém nem tudo é lama nesse chiqueiro. Há coisas que muitos porcos detestam. Uma delas é ter de ir para a Cidade Universitária, uma espécie de filial do chiqueiro. O porco também não pode dizer que está adorando as aulas, afinal a carga horária é pesada. O porco Cristóvão Machado diz que as aulas são muito chatas, mas que acha que vão melhorar conforme as coisas forem ficando mais próximas da realidade médica.

Um outro porco, Victor Peloso, pensa de outra forma. "Bom, eu adoro as aulas", mas pondera: "é uma nova fase da nossa vida, pois podemos ir atrás das coisas conforme nossa vontade, temos essa liberdade para escolher. Não esperava que fosse assim... afinal, somos os melhores alunos, mas todos entramos com uma cabeça de vestibulando e, aqui, será desenvolvida enormemente a maturidade do aluno, ou seja, saber administrar seu tempo conforme o que cada um gosta. É um mundo de belas oportunidades"

Como continuam as aventuras desse porco? Isso é cada um de nós, Turma 94, quem vai decidir. ■

Alan Saito Ramalho e Arthur Hirschfeld Danila são acadêmicos da FMUSP.



Os talentos musicais dos calouros foram revelados no CAOC Idol

CALOUROS

A realidade de um estudante 94

Alice Aikawa dos Santos (94), Daniel Ayabe Ninomiya (94), Eder Nisi Ilario (94), Felipe Chioldini Machado (94), Gabriel Heiser Bergara (94), Jonathan Rodrigues Dionizio de Lima (94), Juliana Akemi Saka (94), Juliana Hiraoka Catani (94), Julio Cesar Dias de Andrade (94), Paula Cristina Eiras Poço (94), Rafael Costa Lopes Ramos (94) e Rafael Sasdelli Silva Pereira (94)

A entrada na universidade, sem dúvida, é inesquecível para qualquer egresso do ensino médio. Simboliza uma recompensa após uma fase difícil que é a dos vestibulares e marca o início de uma nova fase que, na maioria das vezes, confunde-se com a entrada na vida adulta. No nosso caso, não foi diferente. Fomos agraciados com uma semana de recepção, conhecemos pessoas de outras turmas, apresentaramos a Faculdade, conhecida como Pinheiros, e seu fundador, o médico Arnaldo Vieira de Carvalho. Sem falar no assustador Hospital das Clínicas (HC),

em alguns dos projetos de extensão já em prática e em várias entidades ligadas aos estudantes, como a Atlética (não só ela), o Centro Acadêmico e o DC. Pareceiamos realmente, estar em uma família, homogênea e harmoniosa.

Após a recepção dos calouros, no entanto, o ambiente mudou um pouco. O pessoal mais velho retomou suas atividades acadêmicas e nós fomos atrás dos nossos afazeres, principalmente em um lugar distante da Faculdade, a Cidade Universitária, onde se encontra a sede da Universidade de São Paulo (USP). Além disso, as pessoas, até então unidas para receber os calouros de forma respeitosa, sem qualquer manifestação de violência, e os recém-chegados voltaram a se juntar àqueles com quem possui identificação pessoal, acadêmica ou profissional. Nada

mais natural pro Homem, dotado de uma característica intrínseca, a diversidade, que, por sinal, reflete muito bem como é o ambiente universitário, suas diversas possibilidades de escolha e sua variedade de pensamentos, sendo esta traduzida por meio da pesquisa e da produção de conhecimento, por exemplo.

Temos percebido ainda que a FMUSP, apesar do reconhecimento que ela desfruta da sociedade brasileira, apresenta problemas, passíveis de correção, assim como qualquer outra escola médica que apresenta uma proposta de servir à comunidade. Precisamos, por exemplo, de uma reforma curricular para adequarmos a pesada carga horária do curso às reais necessidades de um médico no futuro e para que o graduando obtenha um melhor aproveitamento do tempo que ele disponibiliza aos seus deveres

acadêmicos. Nesse sentido, consideramos fundamental o diálogo permanente com outras instituições, como a Unifesp, a Unicamp e a FMABC, cada uma delas dotada de um respectivo símbolo, com o intuito de discutir possíveis acertos e erros a serem, coletivamente, praticados e evitados, respectivamente.

A partir dessas poucas observações, percebemos, no contato com os colegas de toda Faculdade e na análise de nossa inserção no curso e do papel que as diversas escolas médicas exercem na sociedade, que é difícil enxergar níveis de superioridade ou inferioridade. Os vestibulares de modo genérico tentam, de forma injusta, construir essa discriminação, sendo que os objetivos tanto profissionais quanto institucionais, são próximos. Deixemos a rivalidade para as competições esportivas. Assim se pode analisar, de forma crítica, a realidade, em especial dos calouros que abaixo assinam. ■

Os autores são acadêmicos da FMUSP.

...é difícil enxergar níveis de superioridade ou inferioridade. Os vestibulares de modo genérico tentam, de forma injusta, construir essa discriminação (...). Deixemos a rivalidade para as competições esportivas

POLÍTICAS DE INCLUSÃO

A USP diante do desafio da Inclusão Social

Camila Satie Tomikawa (93)

Mediante a pressão crescente de vários setores da sociedade, o maior vestibular do País, o da USP que é conhecido como FUVEST aos que não lembram terá a partir da próxima seleção uma série de mudanças, graças à aprovação do Programa de Inclusão Social da USP (Inclusp) em 35/05/2006. Estas alterações têm como objetivo aumentar a entrada de alunos vindos de escolas públicas do ensino médio na universidade. A mais importante destas medidas é a concessão de um bônus (acréscimo) de 3% na pontuação que o aluno que tiver estudado o ensino médio em escola pública fizer nas provas da Fuvest. Além disso, na primeira fase dos exames, o número de questões baixará de 100 para 90, e uma parcela terá caráter interdisciplinar, isto é, vão exigir conhecimentos de mais de uma

De acordo com a reitora da USP, Suely Vilela, a intenção é aumentar de 24% para 30% a porcentagem de estudantes egressos de escolas públicas já a partir do vestibular deste ano.

disciplina, modelo parecido com o do Enem.

De acordo com a reitora da USP, Suely Vilela, a intenção é aumentar de 24% para 30% a porcentagem de estudantes egressos de escolas públicas já a partir do vestibular deste ano. "O programa aprovado combina a inclusão social com o mérito acadêmico e a autonomia universitária", disse a reitora em entrevista coletiva.

O Inclusp inclui também o projeto de fornecer cursos de formação continuada para professores do ensino público e apoio para cursinhos pré-vestibulares comunitários. A adoção de professores tutores e mais recursos para bolsas de moradia e alimentação estão entre as medidas para evitar a evasão dos alunos vindos de escolas públicas. O programa "Ensinando com a Pesquisa" vai beneficiar as atividades de pesquisa científica. O projeto Inclusp terá um portal na internet para o acompanhamento, e todas as

atividades terão uma avaliação de desempenho.

De acordo com informações no site da universidade, a USP ainda tem um projeto que implantará um sistema de avaliação seriada do ensino médio público a partir de 2007, a adesão das escolas será voluntária e a avaliação será feita pela Fuvest.

A USP também aprovou a ampliação do número de vagas para cursos já existentes. No exame de 2007, serão 10.202 vagas, 250 a mais do que as 9.952 disponíveis em 2006. Nos cursos diurnos serão oferecidas 6.600 vagas, 170 a mais que ano passado. Nos noturnos, serão 3.602, num acréscimo de 80 vagas em relação a 2006.

Advindo como uma boa alternativa às cotas, o Inclusp ainda tem pontos a serem revistos. As principais críticas que surgem são: o pouco impacto que este projeto tem

de fato no problema da educação no Brasil e a carência de um plano de ações de longo prazo que busquem garantir sua continuidade e manutenção.

BÔNUS DADO PELA USP AJUDA MAIS CANDIDATOS A MEDICINA

Medicina e direito estão entre os cursos em que haverá os maiores aumentos no número de alunos de escola pública na USP, com a aplicação do bônus de 3% para esses estudantes no próximo vestibular da Fuvest. Segundo o estudo da própria USP, as duas carreiras terão acréscimos superiores a 50% na quantidade de candidatos provenientes do ensino médio público em suas salas.

Como regra geral, a bonificação terá maior impacto nas carreiras com maior competitividade entre os vestibulandos, em que às vezes um ponto define a classificação de um candidato. ■

Como regra geral, a bonificação terá maior impacto nas carreiras com maior competitividade entre os vestibulandos, em que às vezes um ponto define a classificação de um candidato.

Camila Satie Tomikawa é acadêmica da FMUSP

POLÍTICAS DE INCLUSÃO

Discriminação às avessas ou garantia de direitos?

Simone Rocha Figueredo (92)

BREVE HISTÓRICO

1968: o Ministério do Trabalho e o Tribunal Superior do Trabalho manifestam-se a favor da criação de uma lei que estabeleça cotas mínimas para empregados negros nas empresas privadas. A lei não é elaborada.

1983: o primeiro projeto de lei que pretende estabelecer o que hoje se convencionou chamar de "políticas afirmativas" é apresentado no Congresso Nacional. Previa, entre outras ações, cotas para negros e negras no serviço público, concessão de bolsas de estudo, ensino da história das civilizações africanas e inclusão de imagens de famílias negras em livros didáticos e para-didáticos. O projeto não é aprovado.

2006: Nossa Universidade de São Paulo lança o InClUSP (leia texto na página ao lado).

Esse breve histórico mostra que apesar de ter se tornado mais popular recentemente, a discussão sobre políticas afirmativas no Brasil é antiga. Ganhou notoriedade principalmente depois de 2001 quando, na Conferência Internacional de Durban (África do Sul) Contra a Discriminação Racial, patrocinada pela ONU, a delegação brasileira apresenta a proposta de instituição de cotas para negros no Ensino Superior.

POLÍTICAS AFIRMATIVAS PARA QUÊ?

A igualdade é um valor importantíssimo da nossa sociedade. Segundo Aristóteles, a verdadeira igualdade exigiria que os iguais fossem tratados igualmente e, os desiguais, desigualmente. Concordando com essa assertiva, uma política afirmativa pretende estabelecer uma igualdade que foi perdida ou que nunca existiu; se é injusta uma travessia em que as pessoas não saem das mesmas marcas ou têm caminhos de comprimentos diferentes a percorrer, ela pretende corrigir essas distorções, garantindo direitos. Não se trata, portanto, de uma "discriminação às avessas", porque não visa a promoção da desigualdade, mas exatamente seu contrário.

Como o debate sobre o tema se iniciou no Brasil tendo em vista o combate ao racismo, e sendo as raízes históricas da exclusão social de negros e negras bem conhecidas, freqüentemente defende-se a adoção de políticas afirmativas com o argumento de "um pagamento de dívida histórica". No entanto, assim

como não seria justo cobrar de descendentes uma dívida feita por seus antepassados, instituir uma política afirmativa com essa justificativa também não o seria; o seu estabelecimento deve se dar pelas desigualdades verificadas hoje, buscando superá-las em nome de uma sociedade mais justa.

POLÍTICAS AFIRMATIVAS PARA QUEM?

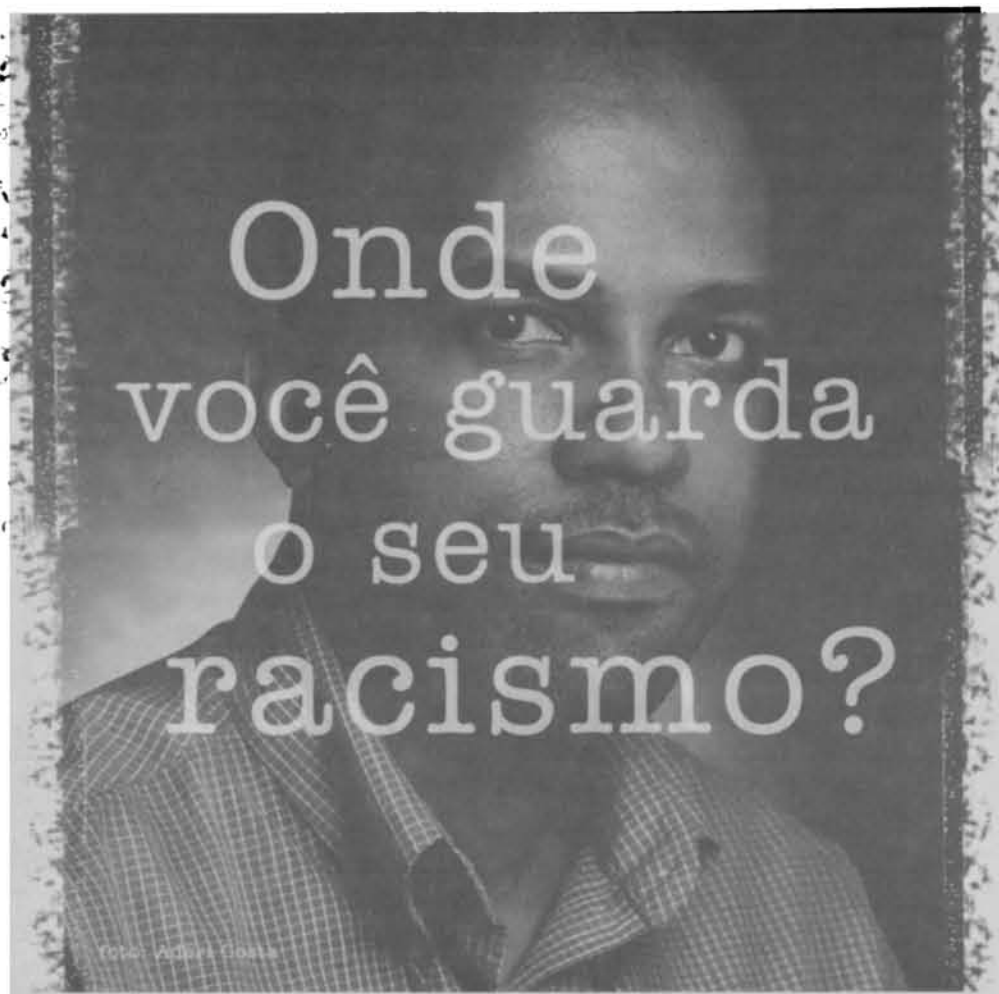
Alguns dados mostram que, no nosso país, as marcas de saída e os caminhos que devem percorrer negros e brancos não são os mesmos: de acordo com o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar) de 2004, o rendimento médio de todos os trabalhos dos brancos é 97,7% superior ao dos negros, o que não é explicado pela escolaridade - mesmo em grupos com o mesmo número de anos de estudo os negros recebem menos que os brancos; a taxa de desemprego entre os negros é maior; os negros ocupam postos de trabalho de pior qualidade, em geral na informalidade; na idade entre 10 e 15 anos - crítica para a preparação do trabalho da vida adulta - a participação dos negros no mercado de trabalho é muito superior à participação dos brancos.

Políticas afirmativas para outros segmentos sociais no Brasil são mais antigas e menos polêmicas: o texto da Constituição de 88 institui um percentual mínimo obrigatório de contratação de pessoas com deficiência física nas empresas privadas e obriga os partidos políticos a reservarem 30% de suas candidaturas para mulheres.

O que essas iniciativas têm em comum e que as justifica é o objetivo de incluir pessoas em esferas da vida pública (trabalho, representação política / poder) nas quais elas são discriminadas por um motivo inexorável: o corpo em que estão presas. E assim como o gênero feminino e a presença de deficiência física, a cor da pele também é algo inexorável, e tê-la preta ou parda também significa exclusão.

Ora, se no Brasil os negros são mais pobres e dentre a população mais pobre há mais negros, uma política afirmativa centrada no critério sócio-econômico acabaria por atingir os afro-descendentes. É nesse raciocínio - equivocado - que se baseia o InClUSP ao dar um "bônus" de 3% sobre a nota na FUVEST para os egressos de escola pública.

E é equivocado porque ao responder dessa forma a uma pressão



que é fundamentalmente exercida pelos movimentos negros, com uma demanda por combate ao racismo, a Universidade de São Paulo mais uma vez joga a questão racial para debaixo do tapete, transformando a questão da ausência de negros na Universidade em ausência de pobres. É equivocado porque faz uma política afirmativa da "pobreza" e desvia a atenção do verdadeiro motivo que leva ao baixo acesso dos estudantes de escola pública a USP: a inaceitável educação de baixa qualidade que os governos mantêm.

Esse tipo de política afirmativa se encerra nela mesma, não pretende alterar estruturas sociais, não altera substancialmente nem mesmo a mobilidade social ao aumentar de forma pífia a porcentagem de alunos vindos da escola pública (de 25 para 30%) dentro de uma minoria de jovens que cursa o Ensino Superior (menos de 10% dos jovens de 18 a 24 anos).

A escassez de estudantes oriundos da rede pública na USP é sem dúvida uma distorção, mas a deficiência da educação formal que atualmente apresentam ao final do ensino médio pode ser superada a curto prazo com aulas de reforço ou cursos pré-vestibulares gratuitos e podem acabar, a médio e longo prazo, se houver o aumento da qualidade do ensino público (o que dificilmente se conseguirá sem pressão popular).

Políticas afirmativas para negros, em conjunto, devem valorizar a cor da pele, assinalar positivamente uma

condição inscrita no corpo (imutável, portanto) que historicamente significou inferioridade. Dentre essas políticas, as cotas na Universidade têm sentido porque aumentam a possibilidade de ascensão social (tendo em vista que para um mesmo salário um negro precisaria de uma escolaridade maior que a de um branco) e garantem a presença de negros nas diversas profissões, em especial naquelas que são social e financeiramente mais valorizadas. Com isso, a médio e longo prazo, alteram o lugar desfavorecido que os negros ocupam na sociedade, com o aumento da sua participação nos quadros de poder, já que o preconceito não se resume às baixas posições ocupadas na pirâmide social: em Cuba, depois de quase 50 anos da revolução que tornou todos os cubanos "iguais", o governo começa a adotar políticas afirmativas para negros e mulheres, por perceber que só o fim das desigualdades de poder aquisitivo não significou o fim da discriminação.

Portanto, ao mirar nos estudantes de escola pública o InClUSP poderá acabar por incluir mais negros na Universidade, mas peca porque esconde o verdadeiro cerne da questão, nega o racismo - ajudando a perpetuá-lo - e se furta da incômoda tarefa de discutir com a sociedade os melhores meios para superá-lo. ■

Simone Rocha Figueredo é acadêmica da FMUSP



CULTUR

Estamira

Cinema



Simone Rocha Figueredo (92)

Lixo e loucura: o filme *Estamira* (e ela mesma também) gira em torno de coisas que incomodam e dão medo. Encontra, num lixão do Rio de Janeiro, uma mulher dita “esquizofrênica”, ou “psicótica”. Estamira trabalha ali, vivendo do “resto e descuido” dos homens.

O filme tem cenas de improvável beleza e Estamira, uma surpreendente lucidez. Não se trata, porém, de um elogio da miséria ou da loucura; uma das grandes diferenças deste filme com relação a outros documentários cujo cenário incluiu situações de extrema pobreza, é o fato de que ele serve sim de denúncia social (em especial pelas imagens), mas não

suscita aquela piedade cristã cheia de culpa e não coloca Estamira no papel de vítima. “Não tem mais inocente, não tem. Tem esperto ao contrário, esperto ao contrário tem, mas inocente não tem não”

O diretor do filme, Marcos Prado, encontrou Estamira quando fazia um trabalho como fotógrafo, documentando a transformação do lixão em aterro sanitário. Desse trabalho surgiu o livro *Jardim Gramacho* e a proximidade com a pessoa-personagem, que o permitiu filmar seu dia-a-dia. A missão dele, contou-lhe Estamira, era mostrar pro mundo a missão dela: “e a minha missão, além d’eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade. Seja mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então ensinar a mostrar o que eles não sabem, os inocentes”. Estamira, pra isso, está “aqui visível, formato homem par (...). Formato homem par é os... mãe. As mãe é formato par e os ímpar é o pai”.

E Estamira joga mesmo na cara nossas contradições, “trocadilos”; questiona Deus, “o próprio trocadilo”, e Sua quadrilha: “quem andou com deus dia e noite, noite e dia na boca, ainda mais com os deboches largou de morrer? Quem fez o que ele mandou, o que o da quadrilha dele manda, largou de morrer? Largou de passar fome?

Largou de miséria?” Fala do trabalho: “foi combinado alimentai-vos o corpo com o suor do próprio rosto, não com sacrifício. Sacrifício é uma coisa, agora, trabalhar é outra coisa. Absoluto. Absoluto. Eu, Estamira, que vos digo ao mundo inteiro, a todos, trabalhar, não sacrificar”. Prega um “comunismo superior”: “todos os homens têm que ser iguais, têm que ser comunistas. Comunismo. Comunismo é a igualdade. Não é obrigado todos trabalhar num serviço só, não é obrigado todos comer uma coisa só, mas a igualdade é a ordenança que deu quem revelou o homem como o único condicional, e o homem é o único condicional, seja que cor for”

Estamira - completamente doida, vão dizer fala da criação, do abstrato, da lucidez e do sentimento, da Terra, que “é indefesa”. do “além dos além”. Fala da “carne sanguínea”, dos nervos, dos médicos “que só copeiam”, da psiquiatria que usa “remédios dopantes para quem quer um deus falsário” e gargalha da doutora que lhe “passou remédio para raiva”

Estamira fala de muitas coisas e faz pensar... Mas avisa: “você não vai entender de uma vez só, que eu sei”. ■

Simone Rocha Figueredo é acadêmica da FMUSP.

Participe você também Envie
para nós críticas, comentários, artigos,
sugestões, poesias, crônicas

o *bisturi*

obisturi@caoc.org.br

a

Como vencer um debate sem precisar ter razão

Literatura

Camila Satie Tomikawa (93)

“Um manual de patifaria intelectual? Nada mais, nada menos. Arthur Schopenhauer (1788-1860) deixou inconcluso este livro breve e perturbador com que desmascara os esquemas da argumentação maliciosa e falsa, que sempre estão na moda. Por mais de um século a “Dialética Eristica” ficou praticamente ignorada, até que o renascimento dos estudos sobre retórica e persuasão viesse tirá-la do esquecimento, mostrando seu potencial explosivo. Nesta edição da TOPBOOKS, de título “Como vencer um debate sem precisar ter razão”, o texto é enriquecido por comentários e notas do filósofo brasileiro Olavo de Carvalho, que seu “O Imbecil Coletivo” consagrou como um expert no desmascaramento da pseudo-argumentação. A anti-sofística de Schopenhauer comentada por Olavo de Carvalho é nitroglicerina pura”. (Retirado das abas do livro)

Não, esse não é um livro que ensina a provar que $2+2=5$ (aliás, aos interessados: vejam a parte de desafios) como alguns poderiam imaginar. Muito pelo contrário, é uma poderosa arma contra argumentações falaciosas que nos rondam. Schopenhauer conseguiu criar uma síntese de estratégias utilizadas pelos vigaristas da argumentação que até hoje se mostra perfeitamente aplicável. Alguns são bastante típicos como: argumento “ad hominem” ataca-se o argumentador, não o argumento; repetição repete-se o argumento “ad nauseum” até a outra parte se esgotar; argumentação



circular - duas premissas são usadas para se justificar mutuamente; argumento “non sequitur” uma conclusão ilógica é tirada das premissas; argumento de autoridade - o debatedor se refere a alguém cuja posição seria a priori indiscutível. Alô, quantos desses argumentos já não se viu por aí? Por sua vez, Olavo de Carvalho dá o tom na introdução, mostrando os fundamentos da dialética de Aristóteles antes de seguir para a, propriamente dita, dialética eurística de Schopenhauer, a qual comenta. Obviamente, é preciso estar ciente e preparado para enfrentar o fato de que a ciência (em todos seus aspectos, inclusive a filosofia), não é uma arena fria e imparcial como muitas vezes se pensa, mas apenas mais uma faceta da sociedade, composta de seres humanos com virtudes e defeitos.

Além de imprescindível para não ser ludibriado, a leitura é um ótimo passatempo, como todo texto de Schopenhauer, ainda melhor graças aos comentários (muitas vezes hilários) de Olavo de Carvalho. ■

Camila Satie Tomikawa é acadêmica da FMUSP.

Para ler...

Diálogo solitário

“Você não tem nada”.
Então o que estou fazendo aqui?
Posso jurar que sinto algo, mas agora surge a dúvida.
Como questionar o conhecimento, logo eu tão iletrado?
“Pode ir pra casa”.
Se ao menos olhasse nos meus olhos, entenderia que não minto.
Como ir despreocupado, se o que me aflige não está sepultado e as minhas noites não são tranquilas?
“Isso é normal, daqui a um pouco passa”.
Sei que sofrer já se fez usual em minha vida, mas insiste sempre a esperança de diluir tanta angústia.
“A auscultação está normal, o eletro está bem”.
Mas não é dentro do peito doutor.
“Leve essa prescrição”.
É dentro da alma, doutor.
“Retorno em 3 meses”.
E enquanto a fila anda, eu saio medicado.

A poesia sai da prisão

| | |
|-------------------------------|----------------------|
| O poeta intui | O poeta é desprovido |
| O que vive o feliz. | De uma função |
| Suspeita, analisa, | Cognitiva direta, |
| Teoriza a felicidade. | Carrega o lápis |
| Momentos raros | À catarse, |
| São os comuns, | Acompanha-se |
| Felizes. | De uma tristeza |
| Felicidade sitiada | Ao ser |
| Pela auto-análise, | - brevemente - |
| Autofagia | - simplesmente - |
| Auto-teoria | Ele. |
| Em uma gradação | O poeta não pode |
| Psico-analítica | Ser só |
| Da psique do que seja. | Nem só ser, |
| O poeta topa tudo | Está sempre entre, |
| Menos entregar-se | E entre |
| Da análise, | Não pode ser nada |
| Do pé atrás instintivo, | Mas pode estar |
| Da natureza auto-preservativa | Indefinidamente. |
| Que é o bioma poético. | |

Marcos Dalga

Quadrinhos...

the bigheads www.fotothing.com/thebigheads



Fundações de Apoio

Marcela Santana Devido (94)

As fundações de apoio estão presentes em quase todas as universidades públicas do Brasil. A discussão em torno delas ganhou relevo nos últimos anos a partir de uma série de questionamentos de diferentes campos de origem, tanto de fora quanto de dentro da universidade. Para a opinião pública elas parecem uma realidade recente, mas sua gênese no Brasil remonta à ditadura militar. Foram gestadas nos anos 60, inicialmente, no esteio de um acordo entre o governo brasileiro e os EUA (MECUSADE), que passou a direcionar as universidades públicas cada vez mais para o mercado. Assim, muitos analisam que elas chegaram no bojo de um projeto de ensino que, propositadamente ou não, levou a educação pública brasileira a uma precariedade alarmante e à transferência de responsabilidade, que deveria ser do Estado, para a iniciativa privada.

A popularidade das fundações veio em meados da década de 90, como um dos símbolos do neoliberalismo do governo de Fernando Henrique Cardoso. As fundações são acusadas de, desde o governo FHC, agir de forma abusiva, diminuindo a preocupação em esconder os seus lucros. Esse fato é contraditório, uma vez que praticamente todas as instituições desse tipo obtiveram certificado de entidade filantrópica, o que as isenta, entre outras coisas, da obrigação de recolher contribuição previdenciária de funcionários e contratados. A própria Fundação Faculdade de Medicina (FFM), caso não gozasse de isenção, recolheria cerca de R\$ 24,65 milhões para a previdência, só no ano 2000.

Atualmente as três universidades estaduais de São Paulo concentram juntas nada menos do que 53 Fundações privadas de apoio, 32 delas na USP. Os argumentos mais fortes para a permanência dessas entidades são a desburocratização da máquina pública, a captação de recursos junto à iniciativa privada e a complementação salarial, sempre

sob a prerrogativa de que o Estado não teria como prover os recursos necessários. Quanto à desburocratização, de fato as fundações agem nesse sentido, porém da forma como atuam trazem consigo problemas éticos ou legais, como por exemplo a contratação de funcionários sem a realização de concursos.

Segundo dossiê da Associação dos Docentes da USP (Adusp), a afirmação de que "não é possível prescindir das fundações" não se baseia em nenhum dado concreto, algo que a Adusp embasa com os seguintes argumentos, lastreados em dados empíricos:

1) As fundações privadas de apoio historicamente repassam à USP em média menos de 2% do orçamento anual da universidade, as maiores repassam individualmente somente 5% ou menos de toda a receita que arrecadam anualmente;

2) Na quase totalidade das fundações, os recursos arrecadados são na sua maior parte, apropriados privadamente pelos docentes que delas fazem parte, seja como "complementação salarial", seja pela contratação indevida de empresas indicadas por esses docentes, sem realização de concorrência. O promotor Carlos Bandeira Lins, em entrevista a edição n.º 36 da Revista da Adusp afirma que "as chamadas fundações ditas de apoio parecem ter sido todas criadas com o objetivo de propiciar aos seus instituidores e aos fundadores mais uma fonte de renda além da que lhes propicia ao cargo de professor da universidade pública";

4) Parcela significativa das verbas das fundações ligadas à USP provém de órgãos públicos, chegando a representar 80% da verba de algumas fundações na década de 90;

5) Os cursos pagos que muitas dessas fundações promovem - destaque para os MBA's da FEA - ferem o caráter público da universidade por selecionarem alunos por critério financeiro, usarem o nome USP como uma espécie de logomarca em anúncios e materiais de propaganda, além de dispor de prédios e instalações da universidade;

6) Não há controle das atividades dos docentes em regime de dedicação integral (RDIDP) parcialmente liberados para atividades privadas.

Roberto Romano, professor da faculdade de Filosofia da Unicamp, em entrevista concedida ao nosso jornal, diz ainda que a falta de verba é uma falácia, "o que falta é o bom uso do dinheiro público". "Se a falta de dinheiro fosse verdadeira o governo não teria criado o Prouni, um ato

demagogo que enche o bolso dos donos de faculdades particulares ao invés de investir na universidade pública"

"As fundações deveriam ter um objetivo claro de funcionamento e aterem-se a ele" diz o professor Américo Kerr, ex-presidente da Adusp, "Mas isso está longe de acontecer. O que de fato ocorre é uma confusão entre o público e o privado de tal forma que o que temos na prática é o público sustentando o privado, e não o contrário". De fato, as fundações usam instalações e funcionários da universidade e, após algum tempo de atuação junto a esses órgãos públicos tornam-se capazes de caminhar sozinhas, como foi o caso da FIA, antiga fundação da FEA, cuja permanência dentro da USP tornou-se insustentável após começar a ser questionada.

"As fundações acabam tendo o objetivo de isentar o Estado de uma obrigação constituindo assim uma iniciativa privatizante da educação pública. Se por um lado as fundações aumentam a captação de recursos para o ensino público, por outro o Estado se vale dessa desculpa para diminuir ano após ano a verba de repasse a essas" diz o professor Kerr. Nessa linha, tome-se o exemplo do Prof. Vicente Amato Neto, da Faculdade de Medicina, que ninguém diria ser uma pessoa radical: num primeiro momento, supondo que o governo não diminuiria o aporte de verbas, foi favorável as fundações. No entanto, ao ver o que de fato elas se tornaram e o conseqüente corte de verbas por parte do Estado, denunciou tanto a quebra de promessa do Governo quanto o silêncio de uma série de professores frente a essa situação.

Segundo o ex-presidente da Adusp, as fundações são também responsáveis pelo direcionamento da pesquisa acadêmica, que aos poucos deixa de ser voltada para a sociedade, visando cada vez mais ao mercado. "A universidade tem que ser crítica e perceber que o que o mercado quer nem sempre corresponde às necessidades da sociedade", completa Américo, lembrando que quem mantém o ensino acadêmico público é a sociedade.

Observando o HC, hospital ligado a FMUSP, vemos que o contribuinte que por ventura paga um plano de saúde tem direito a atendimento mais eficaz e dispõe de confortáveis instalações. Já o contribuinte que depende exclusivamente do SUS nem

sempre encontra vaga, espera mais tempo por exames e acaba tendo a sua saúde subjugada pela instituição porque esta recebe mais por um paciente cujo plano de saúde mantém convênio com a FFM, através da qual se torna possível a porta dupla. Esse expediente foi qualificado pelo Prof. Amato, na crítica que fez da quebra de promessa do governo, como anti-social.

As fundações privadas ditas "de apoio" tradicionais, que hoje estão sob investigação do Ministério Público, não tem feito muito além de privatizarem os lucros e estatizarem os prejuízos, como fez a Fundação Zerbini. Essa entidade contraiu um empréstimo em 1997 de R\$ 69 milhões que se destinaria à construção do bloco II do Incor - o qual atualmente dá atendimento prioritário a convênios - e hoje acumula uma dívida superior a R\$ 200 milhões, supostamente devido à má administração e a possíveis lucros auferidos por seus dirigentes e ex-dirigentes. Se a Fundação Zerbini vier a ser extinta e seu patrimônio transferido ao HC, este será apenas uma enorme dívida.

E mesmo na FFM, autoproclamada como uma das melhores fundações, alguns procedimentos são questionados: a "taxa de gestão" cobrada pelas fundações, que no caso da FFM é de 7,5%, e até a compra de um terreno de 46130 m² no Pacaembu, onde se localizava o casarão da Febem. Esse imóvel já no ato da compra estava em processo de tombamento histórico e a verba usada R\$ 20,69 milhões proveniente do SUS, foi gasta sob o pretexto de consolidar o fundo de reserva da FFM. O que causa estranhamento é essa consolidação ter se dado através da compra de um imóvel tombado em um bairro de luxo de São Paulo.

"As universidades brasileiras precisam de fundações que se limitem a aplicar recursos sem delas tirar vantagem alguma; como essa instituição não existe, sou contra as fundações" diz o professor Roberto Romano. Quando questionado sobre uma possível solução à falta de verba no ensino superior, Romano responde que acredita que a solução seja uma política séria de incentivo à pesquisa e tecnologia, acompanhada da desburocratização que envolve o ensino público superior no Brasil, o que, segundo Romano, facilitaria inclusive a democratização da universidade. Kerr dá uma sugestão diferente ao problema, sugerindo a

O dia em que O Bisturi quase acabou

Era 20 de setembro de 1943 e uma assembleia fora convocada. Dois pontos de pautas: eleições da nova diretoria do CAOC e atitudes a serem tomadas face aos dizeres do professor Geraldo de Paula Souza com relação à última edição publicada de "O Bisturi".

Com 103 presentes e presidida pelo Vice Presidente em exercício, Francisco Vellozo Braga, o primeiro ponto da assembleia transcorreu normalmente: as eleições foram agendadas para 07 de outubro. Mas o que fazer com relação às declarações de Paula Souza demorou um pouco mais: três dias.

O ocorrido fora simples: uma edição costumeira do jornal fora publicada, com as tradicionais charges e artigos humorísticos, incomodara em demasia o professor Geraldo Horácio de Paula Souza, então catedrático de Higiene. Não que as charges o tenham incomodado, mas sim um artigo escrito por um aluno, que continha críticas explícitas à sua disciplina.

Brilhantemente redigida exceto por uns poucos erros de português - a ata da assembleia, que está conservada nos arquivos do CAOC, apresenta transcrições quase literais das intervenções dos estudantes. A ata era, aparentemente, taquigrafada e só então transcrita, com caneta tinteiro, para o livro, o que permitia uma melhor clareza quanto à linguagem.

Hermelino Herbster Gusmão, o diretor de "O Bisturi", dirigiu-se à sala do professor Benedito Montenegro, diretor da FMUSP, ao saber que alguns professores estavam incomodados com os textos do jornal. Recebido, em suas palavras, com a costumeira cordialidade do professor, explicou o que se dava, ao que Montenegro concordou sem maiores problemas. E, por livre e espontânea

vontade, foi até a sala de Paula Souza.

É aí que o bicho pega: Hermelino ouviu toda a sorte de impropérios contra o jornal e contra o que o jornal publicava, sem contar a maneira pela qual Paula Souza se referia ao corpo discente da FMUSP (veja matéria abaixo com transcrição do diálogo

travado entre Paula Souza e Gusmão).

"O que eu condeno não é o artigo dirigido a mim, mas a obra de desagregação que os senhores estão fazendo", afirmou Paula Souza em resposta a uma colocação de Gusmão. "Aquele pasquim ordinário que o senhor dirige é o maior instrumento de destruição da Faculdade. É dele que

se servem os inimigos da Faculdade para nela descobrir defeitos e falhas", completou.

Paula Souza chega mesmo a dizer que vai engendrar todos os esforços para que o jornal deixasse de existir, o que, por sorte e com muita habilidade por parte do diretor da Faculdade -, acaba por não acontecer.

Organizados em

assembleia permanente, os estudantes só aceitam sair de greve (isso mesmo, greve) depois que o professor Paula Souza se desculpasse publicamente e por escrito, o que contou com uma leve mãozinha do professor Benedito Montenegro, que intercedeu favoravelmente ao CAOC na querela com o catedrático de Higiene, tendo comparecido à assembleia dizendo que dava sua palavra de honra que a questão com o professor estava resolvida.

"É UM CRETINO E UM SEM BERÇO!"

O professor Geraldo Horácio de

Paula Souza não só se referiu a "O Bisturi", mas também teve a ousadia de, em plena Segunda Guerra Mundial, tecer alguns comentários a respeito da "origem desconhecida" dos alunos do curso de Medicina da USP.

"Em vez de procurar a amizade dos professores, os senhores procuram nos diminuir. Os senhores encontram toda facilidade possível no curso mas estão

cuspiando no prato que comem", disse Paula Souza em conversa com Gusmão, que tentou temporizar e explicar que o jornal possuía uma característica humorística e que publicara, no início do ano, "um número mais sério do jornal, tratando do aumento de vagas e do Hospital das Clínicas", o que não

uma edição costumeira do jornal fora publicada, com as tradicionais charges e artigos humorísticos, incomodara em demasia o professor Geraldo Horácio de Paula Souza

Aquele pasquim ordinário que o senhor dirige é o maior instrumento de destruição da Faculdade. É dele que se servem os inimigos da Faculdade para nela descobrir defeitos e falhas

afirmou Paula Souza em resposta a uma colocação de Gusmão.

Publicando a história do CAOC

Como muitos devem saber, o CAOC costumava estocar no DIA (Departamento de Imprensa Acadêmica) material de mais de 90 anos de história do nosso Centro Acadêmico, da nossa Faculdade e do movimento estudantil e sua relação mais ou menos conturbada com os governos durante esse tempo. Com a crescente desgaste desse rico material e o receio de perdê-lo, iniciou-se há quase três anos o Resgate do Arquivo Histórico do CAOC. O projeto está dividido em fases que compreendem desde limpeza (tirar pó, cliques metálicos), catalogação de tudo que está guardado, leitura e anotação de atas, e pretende chegar à digitalização do acervo, com a possibilidade de consulta com palavras-chave, realização de exposições etc.

Devido ao avanço do projeto e organização cada vez maior do

material, procuramos então restringir o fluxo de pessoas ao DIA, e evitar, a todo custo, o consumo de comidas e bebidas na sala, com a intenção de frear a deterioração acarretada pelo tempo e agravadas pelas péssimas condições de acondicionamento.

Pelas reclamações dos alunos que sentiram falta do acesso ao DIA (que além de sede d'O Bisturi também era usado para reuniões de panela, da Bandeira, de comissões de formatura), o CAOC está providenciando a remoção de todo arquivo para outro lugar e, assim que possível, a salinha estará aberta novamente.

Para demonstrar o quanto esse projeto é importante, publicaremos em todas as edições histórias, documentos, fotos, acontecimentos interessantes, colhidos durante esse tempo de trabalho. Segue um texto, feito pelo pessoal que trabalha no Arquivo Histórico.

teria agradado os alunos do curso.

Teimoso, Paula Souza afirma que o jornal não tem nada de humorístico, mas sim é um instrumento de desmoralização do nome dos professores e da Faculdade. Entendendo que é essa uma característica inerente aos acadêmicos da FMUSP, que não são nem dignos de estudar na USP, afirma, categórica e preconceituosamente, que "a grande maioria dos alunos da Faculdade é composta de elementos de procedência desconhecida, filhos de imigrantes, de italianos, de sírios e judeus".

Ancorado em sua história no Instituto de Higiene, o catedrático afirma que passara 20 anos de sua vida construindo o nome e a Faculdade, o que os estudantes tentam destruir em poucas linhas irresponsáveis. E, pronto para despertar a ira dos estudantes, reafirma: "é na Escola Paulista que se vão encontrar os filhos das famílias mais representativas da sociedade paulista".

Maior rebuliço seria obra quase impossível de se causar com simples declarações. Mas Paula Souza vai fundo e ainda acrescenta que o CA tem acesso ao ministro da educação, que poderia receber em suas mãos um exemplar de "O Bisturi" e acabar se dando conta de que as instalações e

as condições da Faculdade eram piores do que as esperadas e desejadas. Ferido em seu orgulho, diz que o ministro "lendo aquele artigo, pode ter uma má impressão sobre a maneira por que é ministrada a cadeira de Higiene".

João Belline Burza, que então era orador do Centro Acadêmico, ironiza e diz que a questão de Paula Souza era, em verdade, de ordem da "ciência freudiana" já que "na impressão de o artigo ser lido pelo sr. Ministro da Educação, a vaidade exacerbada do professor ficou ferida" Burza era também redator-chefe do jornal, e complementa sua intervenção dizendo que "se ele quer que 'O Bisturi' publique retratinhos dos professores com elogios embaixo, nem eu, nem o Hermelino e nenhum de nós estaríamos à redação deste jornal"

Hermelino Herbster Gusmão ainda completa seu relato da franca conversa com Paula Souza contando aos mais de 100 estudantes presentes na assembleia sobre a opinião do catedrático a respeito da pessoa que escrevera o artigo: "é um cretino e um sem berço". ■

Equipe do projeto de resgate do arquivo histórico do CAOC

a grande maioria dos alunos da Faculdade é composta de elementos de procedência desconhecida, filhos de imigrantes, de italianos, de sírios e judeus.

afirmou o professor Paula Souza, categórica e preconceituosamente

Extensão e promoção de cidadania

Conceitos sobre extensão universitária e o Projeto Assunção

Rafael Freitas Colaço (92)

Interessados no tema, um pequeno grupo de estudantes começa a estudar extensão universitária. Aprendemos sobre o diálogo, democracia e promoção de saúde. Resolvemos, então, criar um projeto que se fundamenta basicamente nesses três valores.

Com Paulo Freire aprendemos o diálogo. Uma nova maneira de educar, onde o professor desce do seu pedestal de dono do conhecimento e o aluno deixa de ser um vaso a ser preenchido sem reflexão sobre aquilo que está sendo absorvido. O diálogo fortalece o indivíduo porque estimula nele a crítica. Pensando num conceito ampliado de saúde, é fácil perceber a importância desse tipo de abordagem quando se quer promovê-la. Alguém saudável é senhor do seu corpo, crítico o bastante para decidir por si próprio como administrar sua saúde. O diálogo ainda parece ser a saída para que a dupla via o processo pelo qual a universidade transforma a sociedade e esta, por sua vez, transforma-a de volta - da extensão universitária seja cumprida. Não há melhor maneira para formar um profissional comprometido com os problemas reais da nossa sociedade do que o diálogo. Essa maneira de educar faz com que o educando problematize a própria situação e através da busca ativa por conhecimento se liberte. Repare que a mudança se opera no indivíduo e não na rede que o cerca. Pode haver mudança mais sólida do que o que se opera no indivíduo? Com o diálogo formam-se cidadãos e, já que saúde também se refere a bem estar social, porque não o profissional em saúde trabalhar na inclusão social? Não há como promover cidadania de maneira não dialógica e, por isso, o projeto de extensão que reconhece no social a causa de inúmeros problemas de saúde não pode trabalhar de outra maneira.

Vemos como caminho a promoção da democracia participativa. Diferente do senso comum que vê na democracia representativa (aquela

que limita no voto o ato último do cidadão), a democracia participativa vai além e coloca as instâncias deliberativas mais próximas do cidadão. Espaços como os conselhos gestores das UBS's e os conselhos municipais são espaços não explorados pela sociedade, que cabe a nós, estudantes, promover. A compreensão de saúde como um direito passa longe dos projetos assistencialistas, que muitas vezes podem ser usados, por sua própria ingenuidade, como angariadores de votos de políticos sem ética, entre outros problemas. Essa compreensão se processa de outra maneira se o usuário torna-se o administrador da própria saúde: longe da visão utópica de que direito à saúde é receber todo e qualquer tipo de medicamento a farmacêutica, torna-se conhecedor dos problemas a serem enfrentados e supera a atitude passiva de vítima do Estado. Esse é um efeito que se processa numa democracia meramente representativa; perde-se o cidadão, a saúde que acompanha esse tipo de atividade (a

cidadania) e coloca-se em seu lugar uma máquina de votar desesperançada.

A promoção de saúde surge como uma necessidade de países desenvolvidos de conter custos com novas tecnologias que não melhoravam a saúde da população na mesma velocidade do crescimento dos investimentos. Muito se aproveitou da evolução de conceitos positivos de saúde (não só a ausência de doença) nessa área. Compreendendo-a dessa maneira, a promoção de saúde surge como alternativa ou complemento às campanhas preventivas e dá espaço ao incentivo de comportamentos "saudáveis". Indo além, conceitos como a vulnerabilidade tem mostrado um novo caminho para a promoção da saúde. Grupos de risco ou mesmo comportamentos de risco são substituídos pelas mais variadas associações dentro do conceito de vulnerabilidade, como, por exemplo, o fato de se ter um grêmio estudantil na escola tornar os estudantes menos vulneráveis as drogas. Esse conceito

entende melhor a complexidade do ser humano e das suas escolhas, supera a abordagem de campanhas

preventivas centradas no comportamento de risco por ir além do comportamento em si e por procurar encontrar fatores relacionados à opção tomada pelo indivíduo de se comportar de maneira nociva a saúde.

O projeto Assunção (nome da favela onde trabalhamos) vê nesses princípios seu norte e, por isso, está aberto para qualquer aluno que queira

construí-lo conosco. A estrutura democrática e dialógica em que nos apoiamos permite que cada um inove e não apenas reproduza algo que já foi construído, dentro do conceito de educação permanente que constrói diante dos novos problemas que se apresentam e não apenas propõe velhas soluções para problemas do passado. ■

Rafael Freitas Colaço é membro gestão do CAOC-2006 e da diretoria do MedEnsina-2006

I ENCONTRO DE LIGAS ACADÊMICAS DE MEDICINA DE FAMÍLIA E COMUNIDADE

44 • CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MÉDICA

24 de Setembro de 2006 :: Gramado - RS

Para integrantes de Ligas de Medicina de Família e Comunidade, integrantes de Ligas de Saúde da Família e interessados em criar uma liga com esse enfoque em sua faculdade.

Maiores Informações: ligasmfc@yahoo.com.br



GRADUAÇÃO

Fórum do Ensino de Cirurgia na FMUSP

Demian de Oliveira e Alves (93)

Muitos de nós já ouviram que o tripé do ensino superior é "ensino, pesquisa e extensão". A pesquisa nessa Casa de Araldo conta com, por volta, de 60 LIM's (Laboratórios de Investigação Médica) entre a FMUSP e o HC, que são responsáveis por 3% da produção científica nacional e 12% da produção científica da área de saúde. Quando a graduação, sequer temos clareza de como podemos avaliar (seja quantitativamente ou qualitativamente) a docência na graduação e muitas vezes não sabemos como definir extensão, cabendo a esta abrigar tudo o que não se enquadrar como pesquisa ou ensino.

O ensino, a arte da didática, não é devidamente valorizada, os professores são avaliados majoritariamente pela sua produção científica, número de "papers" e local onde eles foram publicados, entre

outros. As pessoas responsáveis pelas matérias e as que ministram grande parte das aulas são majoritariamente grandes especialistas ou pesquisadores no assunto, mas não necessariamente são as mais preparadas para ensiná-lo para um público que vez ou outra está tendo seu primeiro contato com o assunto da aula ministrada.

Tal desinteresse ou até menosprezo pelo ensino na graduação foi de certa forma mostrado por uma edição anterior de "O Bisturi" que publicou uma tabela com um ranking de todas as matérias ensinadas na Faculdade de Medicina no ICB, IQ e IB e dentre as três piores avaliadas, duas delas eram do Departamento de Cirurgia: a pior avaliada Anatomia Topográfica (2,5/10) e a antepenúltima da lista, Propedêutica Cirúrgica (3,1/10), e apesar do Departamento ter também disciplinas entre as mais bem avaliadas, ele como um todo foi avaliado com 5,4.

Desde então, disciplinas foram repensadas, reformuladas. Avanços foram obtidos e a graduação foi tomando corpo como objeto de discussão dentro do Departamento de Cirurgia. No final do primeiro semestre, em uma das reuniões do Departamento de Cirurgia, que vinham sendo acompanhadas por representantes da Comissão de Graduação, foi lançada a idéia de realizar um fórum.

Eis que, no dia 29 de julho, pela parte da manhã, o Departamento de Cirurgia e a Comissão de Graduação promoveram o fórum de discussão do ensino de cirurgia no curso de graduação. O fórum foi realizado em dois momentos: em um primeiro momento, com o intuito de mostrar como é hoje o curso nuclear de cirurgia, ocorreram pequenas apresentações de professores titulares, responsáveis pelas diversas matérias; num segundo momento as

apresentações foram feitas por diversas pessoas, docentes, discentes e médicos do HC, com o intuito de formular propostas de mudanças e abranger disciplinas complementares do ensino.

Apesar da iniciativa de reunir os envolvidos no ensino de graduação (professores titulares, professores associados, médicos do HC e HU), o fórum infelizmente contou com pouca participação dos alunos, sendo que menos de dez permaneceram do início ao fim do fórum. Dessa forma o fórum se concretizou como via de comunicação entre esses diversos atores do ensino principalmente entre os professores de cirurgia, que tiveram uma grande participação entretanto, sem a participação efetiva de quem mais irá se beneficiar de todo esse processo: os alunos. ■

Demian de Oliveira e Alves é membro da gestão do CAOC-2006.

CURSINHO COMUNITÁRIO

MedEnsina, 50º lugar em Medicina da UNICAMP

Pedro Augusto Magliarelli
Filho (92)

Rafael Freitas Colaço (92)

Em três anos de funcionamento, o MedEnsina vem possibilitando o ingresso de estudantes carentes em universidades públicas. Com uma média de aprovação de 10% de seus alunos em universidades públicas, dentre elas, USP, UNICAMP, UNESP e UNIFESP, tem se destacado entre os cursinhos comunitários.

A partir de então resolvemos acompanhar e entrevistar nossos alunos aprovados. Com imenso prazer convidamos nossa ex-aluna Lygia Lussim, aprovada no vestibular da Unicamp no curso de Medicina em 2006, o melhor resultado do cursinho até o momento. Esse é o fruto do esforço do nosso grupo de alunos da FMUSP que todas as noites entra em sala de aula para repassar voluntariamente seus conhecimentos a quem não teve a oportunidade de cursar uma escola de qualidade.

MedEnsina Por que você decidiu prestar Medicina?

Lygia - Na verdade eu não sei dizer exatamente o porquê de optar por esse curso. Tem toda

aquela coisa que parece resposta de miss, de querer ajudar as pessoas e de que a vida é a coisa mais importante do mundo. Mas isso é verdade: tem um módulo da faculdade, "Ações em Saúde Pública", no qual a gente vai pra um Centro de Saúde, conhecemos o bairro e me abalou bastante ver as condições em que muitas pessoas vivem, fazem qualquer coisa que temos parecer um palácio. Sempre quis fazer medicina. Toda criança quer ser médico ou professor, coisas que fazem parte da vida dela, mas essa idéia não saiu da minha cabeça, só foi se aprofundando cada vez mais e não me vejo fazendo outra coisa.

MedEnsina Você tinha outra carreira em mente caso não conseguisse a aprovação?

Lygia - Pra falar a verdade não pensei muito seriamente em outra carreira. Sempre quis Medicina e não iria desistir sem tentar, algo que ninguém deve fazer. É terrível a sensação de "e se eu tivesse feito tal coisa?". Você corre o risco de se frustrar. No fim do Ensino Médio todo mundo começa a pensar seriamente no que fazer e muitas pessoas começaram a me dizer que Medicina era muito difícil e que eu não iria conseguir. Me sugeriram Química (fiz técnico em química junto com o

Ensino Médio). Cogitei a possibilidade e embora eu adorasse a carreira não era o que eu queria, não conseguiria trabalhar com isso pro resto da vida. Desde então, coloquei em minha mente que não desistiria até entrar no curso e só pensaria em fazer outra coisa se entrasse e não gostasse do curso, o que ainda não me ocorreu.

MedEnsina Como você veio parar no MedEnsina?

Lygia - No fim do Ensino Médio, em 2003, eu tentei provas de bolsa, conseguindo valores que eu não podia pagar. Na época um garoto que fazia inglês comigo disse que a USP tinha cursinhos mais baratos. Minha mãe tentou ligar pra Faculdade de Medicina da USP pra descobrir alguma coisa sobre cursinhos populares e ficamos sabendo que na própria faculdade tinha um. Fiz a prova de seleção e passei. Foi uma das melhores coisas que aconteceram. Adorei o curso, de verdade. Os professores são muito bons e o clima é incomparável. Estudei bastante durante o ano, mas não passei em nenhum vestibular. Em 2005 tentei bolsa em outros cursinhos porque achava que devia mudar. Não adianta muito ver a matéria de novo pelo mesmo material e com os mesmos

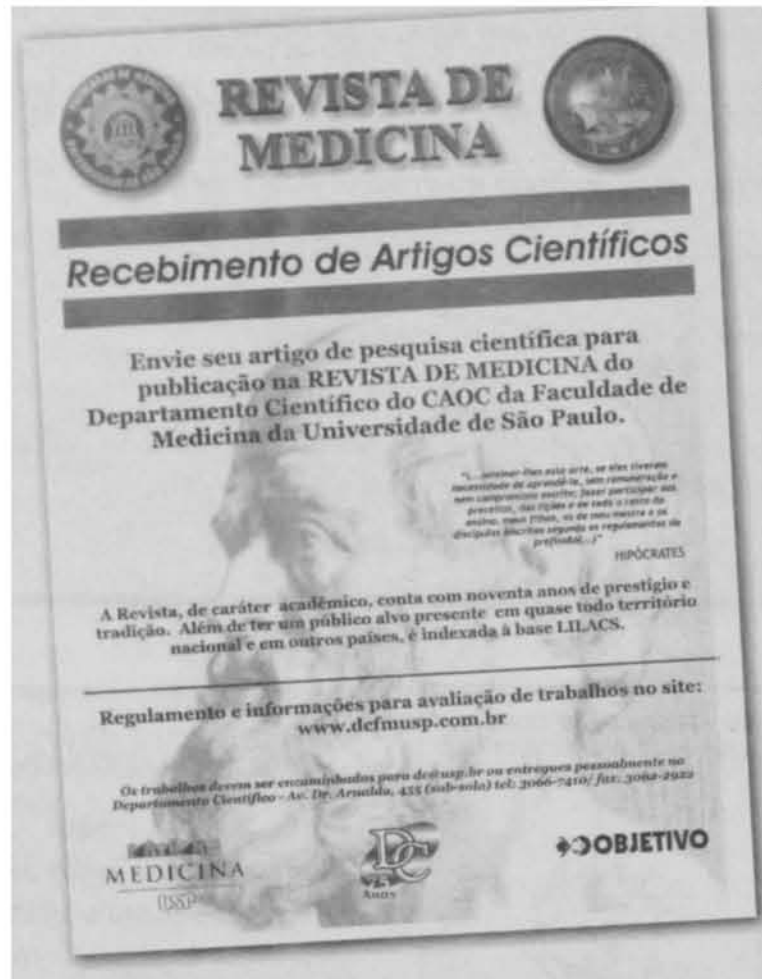
professores se você realmente estudou durante o ano. Daí consegui bolsa integral no Etapa e fiz lá, mas não gostava do ambiente e de alguns professores. Visitei o MedEnsina no segundo semestre e não imaginava que os professores iam mudar tanto de 2004 para 2005. Conversei com a diretoria do cursinho e consegui assistir aulas durante o segundo semestre inteiro. Gostava muito do MedEnsina. Então, no total fiz dois anos de cursinho, estudando MUITO mesmo.

MedEnsina O que o MedEnsina ofereceu que você considera fundamental para a realização de seu sonho?

Lygia Ter passado na faculdade, é claro! Fora isso, o mais importante foi a base das matérias que eu não tinha, a possibilidade de ter tido um bom desempenho após o primeiro ano de cursinho e o conhecimento que me ajudou a obter a bolsa no Etapa. Mas o essencial mesmo foi ver que passar na faculdade não é uma coisa tão distante como as pessoas fazem parecer. Conviver com pessoas que faziam medicina e ver que elas são normais reforçou o meu pensamento de que era possível. Se ele conseguiu eu também sou capaz de conseguir, isso realmente não teve preço.

DIVERSOS

90 anos da Revista de Medicina da USP



Departamento Científico

A Revista de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo é a publicação acadêmica mais antiga ainda em circulação atualmente.

Esse ano, ela completará 90 anos!! O objetivo da Revista é divulgar novas descobertas científicas e contribuir para a formação intelectual do aluno de qualquer ano do curso médico através da publicação trimestral de artigos de profissionais e estudantes de medicina e ciências afins. Como forma de comemorar sua longevidade e pensando em sempre ampliar o conhecimento dos acadêmicos dessa nobre ciência que é a Medicina, envie seu artigo de iniciação científica para ser publicado na Revista de Medicina.

Ela conta com um público alvo presente em quase todo o território nacional e, inclusive, em outros países. Além disso, é indexada à base LILACS. Por isso, não perca essa oportunidade de divulgar seu trabalho nessa prestigiada publicação!

Os trabalhos devem encaminhados para dc@usp.br ou entregues pessoalmente no Departamento Científico - Av. Dr. Arnaldo, 455 (sub-solo) tel: 3066-7410/fax: 3062-2922. ■

Venha participar de nossa Atlética

Tales Mollica Guimarães (92)

Olá alunos da punjante Casa de Arnaldo!

O segundo semestre na AAAOC começou e vem recheado de novidades.

A primeira delas é a nova competição entre faculdades de Medicina: os *Jogos Médicos*, na cidade de São Joaquim da Barra, de 2 a 7 de Setembro. Nossas equipes treinaram forte, jogando nos fins de semana, para chegar com a bola toda na competição. Fomos para São Joaquim da Barra dar muita raça nas quadras, lotar o alojamento, torcer muito e fazer dessa a mais deliciosa competição de todos os tempos.

E logo depois, de 16 e 24 de Setembro, teremos o retorno da mais

tradicional competição já disputada pela AAAOC, que já foi considerada a segunda maior competição do mundo (atrás apenas da *Oxford & Cambridge*): a *Mac - Med*, em sua 64ª edição. Será uma semana inteira de jogos disputadíssimos e muita emoção. Está de volta o grande duelo entre os discípulos de Hipócrates e os engenheiros do Mackenzie, representados pela Caveira e o Popeye!!!

Antes que tudo isso comece, temos muitos treinos, Happy Hours, jogos preparatórios, Happy Hours!, etc.

A mãe AAAOC estará de braços abertos a todos vocês... aproveitem! ■

Tales Mollica Guimarães é membro da diretoria da AAAOC-2006.

MedEnsina Como você avalia o desempenho dos professores?

Lygia - Professor ruim existe em qualquer lugar, no MedEnsina não era diferente. O que me surpreendeu mesmo é que a imensa maioria é excelente. Eles falam a mesma língua que a gente, sabem quais são as nossas dificuldades, talvez por terem passado por isso há tão pouco tempo, e explicam de uma maneira muito mais didática do que a maioria dos professores de outro cursinho o de colégio pois são menos técnicos e mais práticos. Possuem conhecimento na área que ensinam e sabem o que costuma cair nas provas, o que é e o que não é importante saber. Não os acho defasados, aliás, preferia muitos professores de lá. Gostava de muitos deles, tinha uns três, no máximo, dos quais eu não gostava.

MedEnsina - Como está o curso? Passou por trote?

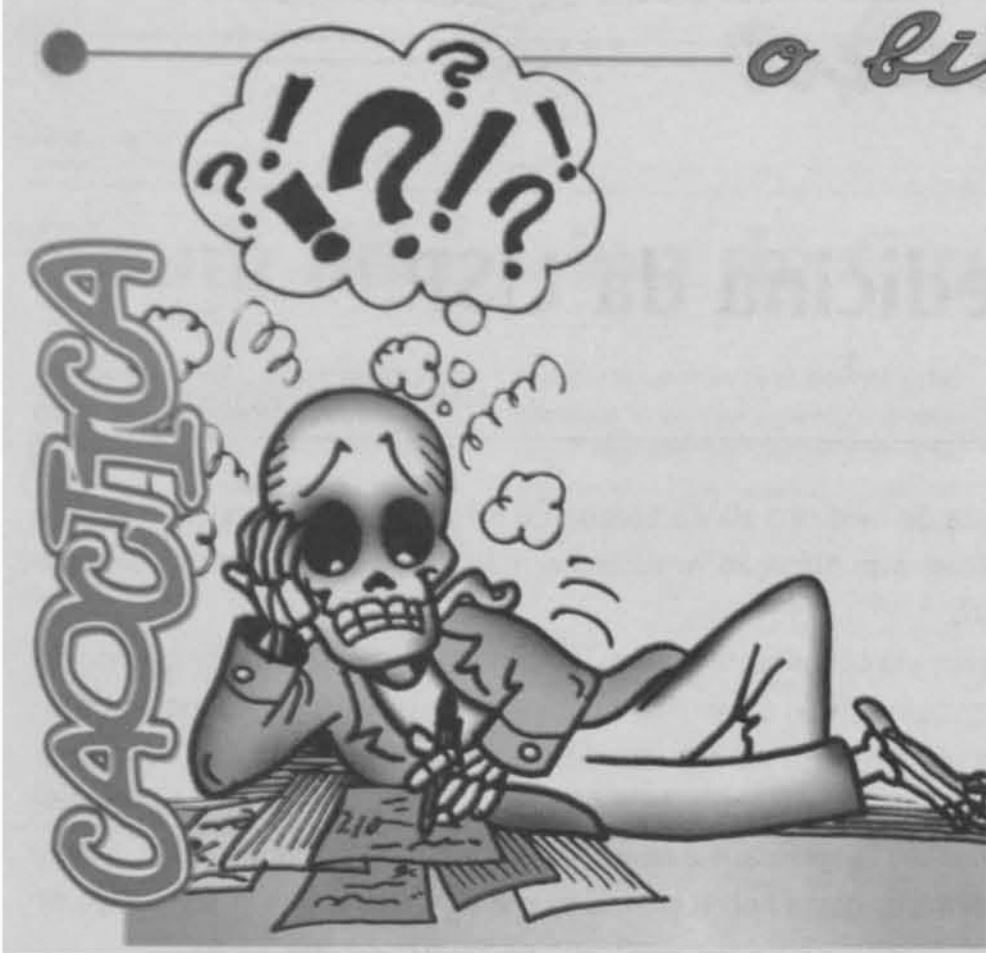
Lygia - O curso é interessante, mas ainda não começaram as matérias mais esperadas como Anatomia e Fisiologia. O currículo deles tem um módulo introdutório chamado "A Célula", que obviamente trata da célula e dos mecanismos de funcionamento desta. Tem muita coisa legal no currículo deles. Foi feita uma Reforma Curricular há seis anos

sobre a qual se comenta bastante. Lá e em outros lugares também. Nós vamos acompanhar a rotina de um Centro de Saúde desde o primeiro ano e temos uma matéria para desenvolver um projeto de pesquisa que pode ou não ser realizada.

Teve trote sim, mas nada pesado, as pessoas são legais. A primeira semana é a Semana da Calourada, que não tem aula. Visitamos uma creche; fizemos uma conscientização nas ruas sobre coleta seletiva de lixo; apresentaram a Atlética e o Centro Acadêmico; fizemos pedágio; participamos de gincanas com outros cursos de biológicas; participamos de uma Feira de Saúde no centro de Campinas com exames básicos feitos por nós mesmos e avaliados por internos e residentes que quando necessário encaminhavam para tratamento, além das festas! Foi muito legal, algo pra ficar guardado pra sempre. ■

Pedro Augusto Magliarelli Filho é membro da diretoria do cursinho MedEnsina-2006 e Rafael Freitas Colaço é membro da diretoria do MedEnsina-2006 e da gestão do CAOC-2006.





2+2 é igual a 5???

Vamos verificar:

Começamos com a seguinte igualdade, que é verdadeira:

$$16-36 = 25-45$$

Somamos $(81/4)$ nos dois lados, o que não altera a igualdade:

$$16-36+(81/4) = 25-45+(81/4)$$

Isso pode ser escrito da seguinte forma: (trinômio quadrado perfeito)

$$(4-(9/2))^2 = (5-(9/2))^2$$

Tirando a raiz quadrada em ambos os lados temos:

$$4-(9/2) = 5-(9/2)$$

Somando $(9/2)$ nos dois lados da igualdade temos:

$$4 = 5$$

Como $4=2+2$ chegamos a seguinte conclusão:

$$2+2=5$$

Obviamente essa demonstração possui um erro, pois todos nós sabemos que $2+2$ não é igual a 5 (ou alguém tem alguma dúvida?).

Gabarito na próxima edição!

Calvin Bill Waterson



Garfield Jim Davis



Mafalda Quino



Desafios

1. De três irmãos José, Adriano e Caio sabe-se que ou José é o mais velho ou Adriano é o mais moço. Sabe-se também que ou Adriano é o mais velho ou Caio é o mais velho. Então quem é o mais velho e quem é o mais moço dos três irmãos?

2. Em uma sala onde estão 100 pessoas, sabe-se que 99% são homens. Quantos homens devem sair para que a porcentagem de homens na sala passe a ser 98%?

3. Deseja-se descobrir quantos degraus são visíveis numa escada rolante. Para isso foi feito o seguinte: duas pessoas começaram a subir a escada juntas, uma subindo um degrau de cada vez enquanto que a outra subia dois. Ao chegar ao topo, o primeiro contou 21 degraus enquanto o outro 28. Com esses dados foi possível responder a questão. Quantos degraus são visíveis nessa escada rolante? (obs: a escada está andando).

Respostas:
 1. Segunda afirmação determina que José não é o mais velho, portanto a partir da primeira afirmação concluímos que Adriano é o mais moço. Se Adriano é o mais moço, Caio é o mais velho.
 2. Devem sair 50 homens.
 3. São visíveis 42 degraus na escada rolante.